

# O DESENCANTAMENTO DE VICENTE: UMA ANÁLISE SOBRE O PROGRESSO CIENTÍFICO NO FILME "A PELE QUE HABITO"

Sophia Padilha Menezes<sup>1</sup>  
Discussão em teoria social - GT 01:  
Ciência, Tecnologia e Inovação

**RESUMO:** O filme de Pedro Almodóvar “A pele que habito” é objeto de reflexões sobre o que denominamos como “progresso científico”. A trama envolve um médico que por vingança aprisiona uma pessoa como cobaia de experimentações científicas em uma clínica clandestina. A partir do enredo aciono os teóricos Max Weber, Antônio Flávio Pierucci, Eduardo Viana Vargas e Michel Foucault para analisar o domínio do saber-poder e da racionalidade científica oriundas de uma convenção social, cuja aplicação, principalmente na saúde, por vezes não se estabelece como uma prática clínica e sim como um controle social de ordem moral.

**Palavras chaves:** Saber-Poder, Progresso, Ciência.

## 1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o filme de Pedro Almodóvar: “A pele que habito”<sup>2</sup> (2011). Pretende-se desenvolver uma crítica ao que conhecemos hoje como “progresso científico”, para isso irei acionar teóricos como Max Weber, Antônio Flávio Pierucci, Eduardo Viana Vargas e Michel Foucault. O filme tem como personagem principal um médico que aprisiona uma pessoa e nela faz algumas experimentações científicas. É a partir dessa centralidade, juntamente com os autores citados que farei análises que questionam o domínio da racionalidade científica que impõe sobre o ocidente uma lógica de auto-legitimação da “verdade científica” que esta estabelece o que é saber e o que não é.

Veremos como instituições de saber-poder são dispositivos de controle operados por um aparelho de Estado, que usa o saber como poder para controlar o “social”. Adianto que Estado não aparece aqui como centralizador de poder, mas como um aparelho que articula instituições de saber-poder, como escolas, exércitos, hospitais, família, entre outras, especialistas e o próprio indivíduo como dispositivos de poder. Aciono análises do conceito de desencantamento do mundo propostas por um estudo de Pierucci sobre obras de Weber, com o propósito de dar reforço teórico à crítica ao progresso científico, com auxílio de Vargas que une tanto Weber como Foucault para questionar o que é estabelecido como “conhecimento verdadeiro” e qual seu propósito.

## 2 – NORMA: A PELE QUE HABITA O CORPO CIENTÍFICO

Farei alguns recortes do filme para delimitar a análise proposta. A personagem principal, Vera, está reclusa forçadamente por um médico chamado Roberto. Nas primeiras cenas este aparece em um palanque discursando sobre seu sucesso nos transplantes de rosto. Na sequência, Roberto busca material transgênico para sua grandiosa descoberta científica: a criação de uma pele humana artificial. Depois segue para El Cigarral, sua casa e clínica clandestina, onde ele vigia o corpo de Vera através de uma televisão. A sinopse descrita reforça a explicação da vigilância: “Cirurgião obcecado em criar uma

---

<sup>1</sup> Jornalista e mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande / UFCG – PPGCS - email: menezes.sophia@gmail.com

<sup>2</sup> Filme baseado no livro “Tarântula”, do autor Thierry Jonqué.

pele quase invulnerável, mantém jovem presa em um cômodo da sua casa para que ela possa ser cobaia de seu experimento” (Pedro Almodóvar, 2011, contra-capas).

Essa obsessão é expressa ao apresentar em um congresso sua pele humana resistente à picadas de insetos causadores de doenças, por exemplo, a malária. O médico alega ter feito seus rigorosos testes em mamíferos, porém descobrimos que estes foram realizados na pele de Vera.

Outro aspecto rico para a análise é o questionamento de um médico cético<sup>3</sup> sobre a invenção do congressista. Na ocasião Roberto confessa ao médico cético que usou material transgênico. O segundo ameaça fazer uma denúncia e exige que o primeiro abandone a empreitada. Roberto questiona o paradoxo da bioética, uma vez que eles médicos interveem em tudo: “por que não usar os avanços científicos para melhorar a espécie?” Porém este aceita parar e alega que a empreitada foi uma aventura pessoal.

As intervenções de Roberto, assim como ele mesmo afirma “intervimos em tudo” ultrapassam questões de construção de rostos e criação de uma pele humana, seu saber médico e sua racionalidade científica legitimados por uma articulação de instituições reguladas pelo Estado ganham autoridade e poder para operar cada detalhe de um corpo, até incrustar uma norma sexual.

De acordo com os padrões de beleza de hoje, Vera pode ser considerada uma linda mulher, o tipo ideal disseminado pela mídia. Empresto o termo tipo ideal, no sentido empregado na sociologia compreensiva de Weber que “constrói um sistema de relações entre fatos, mas igualmente uma boneca, um modelo de ator. Esse modelo autoriza uma comparação entre o tipo ideal e o desenrolar real”. O tipo ideal está para um padrão de norma, é o que “deve ser” e não o que “é”. Tipos ideais são raramente encontrados na realidade, são quadros de pensamento (Watier, 2009, p.110-7).

A origem de Vera mostra como o tipo ideal de mulher é ilusório e raramente alcançado, visto quando o filme volta seis anos atrás e explica que Roberto, o médico frio e calculista, sequestra por motivo pessoal (sentimento de vingança) um garoto chamado Vicente, que supostamente foi o estuprador de sua filha, Norma. Vicente fica abalado psicologicamente enclausurado em um porão escuro. Dopado pelo médico, ele acorda em uma sala de cirurgia, momento em que descobre ser vítima de uma operação denominada de vaginoplastia, ou seja, o órgão peniano foi substituído por uma vagina. Portanto Vera, a mulher ideal é na verdade um homem chamado Vicente.

Diferentemente do que se vê hoje, a saúde já foi considerada uma questão privada, porém com a ascensão do Estado-Nação e a industrialização, a população local não podia mais ser vista como meros habitantes da terra e sim como corpos submetidos ao controle da autoridade central que estava interessada em fabricar “corpos úteis e dóceis” com a finalidade de produzir riquezas. A população humana passou a ser um recurso econômico em potência que precisava ser frequentemente regulada e monitorada como um meio de maximizar o poder e a riqueza nacional. É nesse contexto que o Estado passa a se interessar pela saúde e bem estar das pessoas, cujas condições são essenciais para ter uma produtividade eficaz. O Estado cria uma série de estudos e instituições de controle e poder (Giddens apud Foucault, 2005, p.138). O saber médico torna-se um saber autoritário, e saber em Foucault é uma questão de poder.

Certamente a contribuição deste filósofo francês é útil para entender o surgimento da medicina moderna voltada para a regulação e disciplinamento dos corpos pelo Estado. O comportamento sexual e a sexualidade são fundamentais nesse processo. O sexo tanto faz a população crescer e se desenvolver, como também adoecer, portanto, a sexualidade fora do modelo da reprodução deve ser reprimida e controlada. O Estado passa a controlar a sexualidade por meio de coleta de dados (através das confissões feitas aos padres e aos especialistas médicos, psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, estudos demográficos etc.) sobre o comportamento sexual, o casamento, o aborto e os métodos

---

<sup>3</sup> Não foi possível captar o nome desse médico, usarei a nomenclatura “MC” para indicar suas falas.

contraceptivos. Implanta-se uma moralidade social e a imposição de um rigoroso conjunto de normas públicas que tem na vigilância dispositivo de controle para regular a sexualidade aceitável.

A masturbação, o sexo fora do casamento, a homossexualidade passam a ser práticas sociais rotuladas e condenadas como perversões sexuais. É com base nessas ideias que a saúde pública se forma. Seu objetivo é controlar os corpos sociais, a sexualidade e erradicar as “patologias” da população. Nesse contexto nasce o modelo biomédico: especialistas preocupados em diagnosticar e curar os males sociais. A medicina passou a ser uma ferramenta que possui o poder de reformar comportamentos considerados “anormais” (Giddens apud Foucault, 2005, p.138). Para Foucault (2010) a medicina, no moderno exercício de poder, desempenhou e desempenha papel fundamental na ordem da normalização dos indivíduos e da população:

“Pode-se afirmar que os médicos do século XX estão a inventar uma sociedade da norma e não da lei. Não são códigos que regem a sociedade, mas a distinção permanente entre o normal e o patológico, a tarefa perpétua de restituir o sistema de normalidade” (p.181).

Como vimos o poder não está centralizado no Estado, mas há uma articulação de poderes que se formam por uma “rede de saberes específicos” como a medicina e a psiquiatria. Esse exercício diferente de poder realizado pelo aparelho do Estado é fundamental para a sustentação e eficácia da aplicação de poder (Foucault, 1979).

As técnicas infinitas de poder estão intrinsecamente relacionadas com a produção de determinados saberes. Saberes sobre o criminoso, a loucura, a sexualidade, a doença, o social etc. São micro-poderes que possuem tecnologia e história específica e que se relacionam com o nível mais geral de poder constituído pelo Estado. Neste caso os poderes não estão localizados em uma parte específica da estrutura social, mas funcionam como uma rede que nada e ninguém escapam. A este tipo específico de poder que se denomina poder disciplinar. É um elemento que não trabalha no exterior, mas atua no corpo do homem, manipulando-o, produzindo comportamentos e fabricando o tipo de homem necessário (Foucault, 1979).

Roberto é um médico normalizado, um tecnicista metódico e obcecado por uma espécie “perfeita”. Para Foucault é o Estado que controla a normalização dos ensinamentos desses especialistas (Foucault, 1979). Depois da Segunda Guerra Mundial o Plano Beveridge, da Inglaterra, serviu de modelo para a organização da saúde e influenciou todo o ocidente. Esse plano criou várias diretrizes. O Estado passa a se encarregar pela saúde, e isso significa, de acordo com Foucault que, assegurar a saúde é garantir a força física nacional, administrar a capacidade de trabalho e produção e garantir a defesa de ataques militares. A influência desse modelo de saúde reflete em uma nova moral e uma nova política do corpo (Foucault, 2010). Iniciam as instituições de saber e controle, e que, para o autor, “a medicina pode ser perigosa não na medida de sua ignorância e falsidade, mas na de seu saber, na medida em que ela constitui uma ciência” (Foucault, 2010, p.174). Haja vista o perigo que representou o saber-poder de Roberto.

Essa referência ao perigo está relacionada à manipulação genética que pode afetar um indivíduo, assim como toda a espécie humana; a fabricação de agentes agressores ao organismo; a criação da anestesia geral aplicada em pessoas que perdem a tolerância a dor e adormecem, e em que é possível fazer qualquer operação, como aquela realizada no filme, em Vicente. Para Foucault, esse progresso da medicina vem acompanhado de um progresso da mortalidade. O não-saber deixa de ser nocivo e o perigo mora no saber.

A medicina se impõe ao indivíduo com um ato autoritário de intervenção de poder que serve para regular as normas e não estão relacionadas à saúde, é uma prática social e não uma clínica; uma espécie de medicina de Estado que pode atuar com autoridade em um bairro, cidade, estado, país, uma instituição, um regulamento, ou em lugares inimaginados, às vezes, até ao seu lado, em seu vizinho

pode funcionar, como no filme, uma clínica clandestina. É um saber-poder que estabelece o que é normal e patológico, com a finalidade de controlar as normas sociais. “Poder-se-ia dizer, quanto à sociedade moderna, que vivemos em ‘Estados médicos abertos’, em que a dimensão da medicalização já não tem limite” (Foucault, 2010: 186).

No filme em questão, o controle do corpo é levado ao extremo, o “ser” que está preso é usado, manipulado, seu corpo é experimentado em experiências mirabolantes, e o médico é um obcecado até mesmo pelas reações mais orgânicas e elementares do seu experimento, o que nos leva a crer que o cineasta buscou fazer uma crítica ao saber-poder médico sobre o corpo e seus devidos dispositivos de controle.

Esse saber-poder impõe não somente um novo órgão sexual, como uma operação de gênero. A primeira evidência de uma imposição de uma *performance* de gênero feminino não poderia ser mais simbólica do que as palavras proferidas por Roberto após o sucesso da cirurgia. Este impõe ao paciente o uso de próteses penianas e orienta Vicente, agora Vera, para cuidar daquele orifício como se sua vida dependesse dele.

Na próxima cena, o médico está fazendo um exame ginecológico e sopra palavras estimuladoras: “Está muito bom, muito bem!” Roberto examina cada detalhe daquele corpo, compra roupas de modelagem, aparatos de beleza, como kit maquiagem, vestidos, entre outras coisas. Vera rejeita tais acessórios e furiosamente pica os vestidos.

Roberto troca materialmente o sexo de Vicente por vingança, mas também coloca seios e o impõe, de acordo com a norma sexual, comportamentos e subjetividades femininas. O que está imposto pelo médico é um sistema de gêneros inteligíveis, seguindo a lógica sexo/gênero/desejo/práticas sexuais. Vicente, que recebe uma vagina, logo tem que ser feminina: Vera. Que deve sentir desejo por seu oposto masculino, logo ter práticas sexuais com um homem. É a implantação da heteronormatividade, regulação compulsória da norma ou disciplina heterossexual (Butler, 2003), que neste caso está travestida por uma homonormatividade, quando lembramos que Vera é na verdade Vicente. Contrariamente trabalhada pela trama, como um experimento de ruptura, que acaba por brincar e revirar as regras do jogo (Heritage, 1999), Almodóvar traveste, transexualiza, transgenitaliza, que seja, a norma ou o padrão hegemônico, operando um deslocamento das oposições heterossexuais/homossexuais, homem/mulher. O médico está para as normas, operando uma racionalidade de gênero, assim como Almodóvar está para os deslocamentos e descentralidades do que está posto.

E por falar em racionalidade, Max Weber, também foi um dos críticos da ciência moderna, que, por vezes foi considerado como um sociólogo da religião, mas que acaba por ser acessado, no decorrer do século XX, mais por sua sociologia da racionalidade, devido a suas “grandes narrativas do desenvolvimento peculiar do racionalismo ocidental de domínio do mundo” (Pierucci apud Hennis, 2003, p.19,20). A associação descuidada em relação à sociologia da religião com a racionalização no Ocidente é compreendida, na medida em que Weber ao empreender pesquisas sobre religião descobre a fonte da racionalização ocidental (Pierucci apud Mommsen, 2003). Pierucci levanta um estudo para descobrir o que Weber quis dizer com o uso do termo “o desencantamento do mundo”, e aponta dois conteúdos semânticos: ora o desencantamento do mundo é feito pela religião e ora pela ciência.

Os processos do mundo ficam “desencantados” na medida em que o intelectualismo repele a crença na magia, assim “perdem seu sentido mágico e doravante apenas ‘são’ e ‘acontecem’ mas não ‘significam mais nada’”. Os mistérios e os fenômenos incalculáveis perdem para o domínio do cálculo, é precisamente isto que significa o desencantamento do mundo. A coerção não mais é operacionalizada por meio mágicos e místicos e sim por meios técnicos e calculistas, ou seja, por meio de uma intelectualização. “Desencantamento do mundo em Weber tem tudo a ver com cálculo. Ou melhor, com o ato de calcular” (Pierucci apud Weber, 2003, p.48).

Neste caso, o médico Roberto pode ser considerado como a personificação do cálculo racionalista moderno, que desencantou o processo “natural” de Vicente, não limitando aqui, as demais vias de desencantamentos operadas pelo cálculo no filme e na vida. Já que as grandes profecias racionais quebraram a magia e disseminaram a racionalização desencantando o mundo e fundando a “ciência moderna para a técnica e o capitalismo”. Essa forma de desmagificação religiosa é ao mesmo tempo um “desenvolvimento *sui generis* do racionalismo ocidental” e “um processo histórico de desenvolvimento [...] alcançado nos séculos XVI e XVII pela conduta de vida metódica-e-intramundana do protestantismo ascético” (Pierucci, 2003. p.54-59).

Em suma, pode-se entender que se impôs uma dicotomia entre religião e magia, em que esta última é marginalizada em detrimento à primeira. A religião aparece como uma doutrina e um controle baseado em uma conduta de vida, uma moral religiosa. É a imposição de uma normatividade ética religiosa que se opõe a magia. O feiticeiro, mago, bruxo perdem lugar para os intelectuais. É uma intelectualização que trabalha pela nitidez constante da diferença entre ação e norma, é orientar vivências com base dualistas, como se segue em Peirucci (2003):

“Nos termos da ‘Introdução’ à Ética econômica das religiões mundiais: rumos à ‘diferenciação entre o normativamente ‘válido’ e o empiricamente dado’. Noutras palavras, entre o que ‘deve ser’ e o que simplesmente ‘é’ e ‘acontece’. E, em se tratando de éticas religiosas monoteístas, heteronômicas por definição, o ‘dever ser’ decerto que coincide cem por cento com a vontade divina, com tudo aquilo que o Deus único e pessoal deseja, quer e ordena [...] A divindade se confirma como deus ético que pune e recompensa à medida que cresce a importância dos laços éticos que ligam o indivíduo a um mundo ordenado de “obrigação”, tornando assim sua conduta regular e previsível, suscetível portanto de interação fundada na racionalidade normativa” (p.73,4 - 107).

A religião não é, como parece, fundamentada em interesses de outro mundo, de um mundo após a morte, e sim deste aqui e agora. É uma produção de profissionais religiosos, intelectuais, que Peirucci (2003) preferiu usar a frase famosa de Simone de Beauvoir (1940) para explicar que o homem religioso não nasce, ele se produz, se torna. Se de um lado a produção religiosa, empreendida por especialistas em religião, “peritos do discurso mítico, pelos *experts* da metafísica”, de outro temos ávidos consumidores. “São indiscutivelmente materiais e econômicos” (Pierucci, 2003, p.82-85).

O monoteísmo ético judaico-cristão desembocou o desencantamento da religião, atravessando o Ocidente e impondo a “dominância cultural de uma imagem de mundo metafísico-religiosa [...] unificada e internamente sistematizada [...] como fundamento legítimo da ordem social como um todo”. Independentemente da fundamentação dos valores morais religiosos, nesse processo de racionalização ocidental, “agora é possível conceber a esfera doméstica e a economia, a política e o direito, a vida intelectual e a ciência, a arte e a erótica”. Pois racionalizando as esferas de valor, “se justifica por si mesma: encontra em si sua própria lógica interna – uma legalidade própria” que institucionaliza quadros profissionais que garantem sua autonomia (Pierucci, 2003):

“O Ocidente desencantou, porque lhe ‘unificou’ e ‘despovoou’ a imagem de mundo religiosa, destituindo os deuses de seu panteão e moralizando radicalmente a religiosidade na base do pecado e da internalização do senso de culpa, precipitou-se em consequência a instalação de um estado de tensão ‘permanente’ e ‘insolúvel’, [...] voltamos a viver num permanente ‘estado de guerra’ e ‘guerra de deuses’ [...] no mundo duplamente desencantado pela religião e pela moderna atitude científica, uma guerra politeísta [...] de todos contra o ‘Uno’, contra a pretensão monopolista do monoteísmo ético” (p.138,139).

A ciência desencanta o mundo quando instrumentaliza o cálculo matemático reduzindo o “mundo natural a mero ‘mecanismo causal’”. Ciência e falta de sentido andam juntas no mundo moderno, é uma racionalidade referente a fins que domina o mundo natural pela técnica. Uma ciência que não tem nada a dizer sobre si mesma e que perde seu sentido. “Ela que pretende tudo calcular, prever e dominar, não é capaz de definir nenhum valor, sequer mesmo de dizer se vale a pena ser cientista” (Pierucci apud Weber, 2003, p.152).

Para Weber o progresso científico, existe e não pára, mas seu desenvolvimento aqui é no sentido técnico. É um acúmulo de descobertas explicadas por nexos causais isolados, parciais e nunca esgotados. “A ciência é, portando, sinônimo de avanço da ciência”. É um progresso que não tem repouso, que é provisório e sempre limitado, especializado e parcial. Nunca totalizante nem definitivo. Como exemplo, são as limitações da ciência: a “incapacidade de nos salvar, de nos lavar a alma, de nos dizer o sentido da vida no mundo”. A finalidade da ciência “não é outra que a de dominar o mundo natural e o mundo cotidiano pela técnica. [...] É possível, em princípio, tudo dominar mediante o cálculo”. O desencantamento do mundo teve e tem como meta acabar com os mitos e “substituir a imaginação pelo saber”. É a substituição do mito pelo cálculo (Pierucci apud Weber, 2003, p.158,161-163).

No livro “Antes tarde do que nunca”, Eduardo Viana Vargas (2000) desenvolve uma micropolítica genealógica para ativar saberes não legitimados “contra os efeitos de poder” cristalizados nos discursos científicos do nosso tempo. Em suma, seu trabalho “é contra a instância unitária que pretende depurar os saberes e qualificá-los ou desqualificá-los em nome de um ‘conhecimento verdadeiro’” (Vargas apud Foucault, 2000, p. 49,50). Neste livro, o autor nos remete ao contexto da França na época em que a sociologia começa a ser entendida como ciência e que, até hoje, legitima e enaltece especificamente Durkheim em detrimento à desqualificação e esquecimento das obras de Gabriel Tarde, para isso Vargas, tanto aciona Weber, como Foucault, com a finalidade de trabalhar questões sobre racionalidade científica, conhecimento como articulação de um saber-poder desenvolvida por um aparelho de Estado que legitima o que está posto e desqualifica aquilo que possa ser considerado ameaçador ao discurso científico estabelecido. E, é exatamente isto que será importado de sua obra, portanto, não caberá aqui entrar nas questões entre Tarde e Durkheim.

A partir do século XVIII, as mudanças históricas que sacudiram a França passaram por um processo de deslocamento radical no que se refere às relações de poder, já não se tinha direito de apreensão das coisas, do tempo e da vida, mas um novo poder disciplinar que administrava uma “gestão calculista da vida” visando “corpos úteis” e “dóceis”. A lei deixa o lugar disciplinar e quem o ocupa é o código da normalização constituída pelo domínio das ciências humanas. Não mais o corpo do soberano é protegido e sim o corpo da sociedade, faz-se necessário “de modo quase médico” defendê-lo; O suplício é substituído por “métodos de assepsia”. O poder já não é exercido em nome de Deus, nem do Rei, agora é exercido em favor ou em nome da sociedade (Vargas apud Foucault, 2000, p. 69,70).

Na França, com a queda do Antigo Regime, os fundamentos religiosos eram rejeitados, sendo necessário “constituir uma nova ordem social, fundada em outros preceitos morais”. Assim, no período republicano surgiu uma “moral puramente racionalista” que não se apoiava mais em “profissões de fé”, mas em “ideias, sentimentos e práticas sujeitas apenas à jurisdição da razão”. Foi com a “intensa preocupação moral” que os deslocamentos de poder acompanharam um deslocamento no “âmbito dos discursos da ‘verdade’”. A produção do saber nasce como um instrumento estratégico “para o dispositivo político que então se implantava”, passando a ter seu auge como procedimento sistemático no período da Terceira República. Nesses períodos de crise, a França busca sua “salvação política pela via do saber”. Esses saberes não tinham o intuito único de informar, mas sim de estabelecer novos saberes que funcionassem como normas. Saberes estes que funcionavam como “verdade” e que camuflavam interesses de classes (Vargas, 2000, p. 70-72). Sendo a verdade “historicamente

produzida” e “ligada a sistemas de poder” em que se apoiam e se reproduzem, o que se podia visualizar era um “investimento político na produção do saber” que deslocavam discursos de verdade, implantando um discurso científico que funciona e, é acolhido como verdadeiro. E, além disso, que também opera a cientificidade de um discurso como “critério fundamental de avaliação de seu compromisso com a verdade” (Vargas apud Foucault, 2000, p.72).

É com as grandes mudanças e transformações do século XIX, na França, que o “social” passa a ser objeto privilegiado do saber, o que para Vargas “o ‘social’ não é um objeto natural”, mas o “resultado de uma produção recente e bem datada que articula a liberação epistemológica das ciências sociais e a implantação de novos dispositivos de poder” (Vargas, 2000, p.78). A ciência agora é portadora de uma nova moral, ela é travestida de uma máscara teológica, em que a religião cede o lugar da racionalidade para a ciência, ou a ciência, devido aos tempos modernos, empresta-lhe. Mas o fundamental é que ela cumpra a mesma função da religião: a imposição de uma moral, de uma conduta de vida.

Na dissociação moral, realizou-se uma substituição dos discursos religiosos ou metafísicos por “discursos científicos na fundamentação da nova ordem moral” (Vargas, 2000, p. 80). Como a sociologia durkheimiana forneceu “o fundamento de uma moral republicana”, nesses moldes, “Durkheim seria chamado de ‘teólogo da religião civil francesa’” (Vargas apud Bellah, 2000, p. 80). Na sociedade que nem Deus, nem Rei tem voz legítima de poder, assume-se então uma nova reconfiguração, é o campo do saber que fala em seu nome e que tem lugar de poder: há uma sociedade a ser reordenada. Isto se refere à reforma educacional da França que produziam saberes, em uma articulação saber/poder “empenhada numa moral laica que funciona como estratégia disciplinar pedagógica (Vargas, 2000, p.81). É a formação de uma “ciência de Estado”, que é a “constituição do Estado como instrumento e lugar de produção de conhecimentos específicos” (Vargas apud Foucault, 2000, p.82).

Nesse processo Durkheim aparece como figura fundamental, primeiro porque seu “sucesso alcançado com a sociologia” estava ligado à “difusão de uma moral laica”, estabelecendo a sociologia como disciplina científica, que acabou por consolidar, “via pedagogia”, “uma moral racionalista”. Dois aspectos estão ligados em sua vida, seu projeto intelectual e a política republicana.

“As posições fortes que, sob a monarquia, a Igreja mantivera para com o Rei e os nobres foram ocupadas, sob a República, pela escola e pela universidade do Estado”, nesse sentido Durkheim foi necessário para que a universidade burguesa adquirisse doutrina própria dentro dessa nova ordem moral (Vargas apud Nizan, 2000, p.94). Num esforço republicano para desenvolver e implantar um ensino renovado e laico houve paralelamente uma rápida expansão nos cursos de pedagogia, que “elaboravam um saber sobre a educação” para preparar professores em suas ‘missões’ sociais, que de acordo com Nizan: “a secreta manutenção desta atmosfera religiosa está no fundo da reforma escolar da República” (Vargas apud Nizan, 2000, p.117).

Durkheim, no entanto, para confirmar que a sociologia ingressou na universidade travestida de pedagogia, ele, “mitificado como ‘pai’ da sociologia francesa”, a rigor, “nunca foi professor de ‘sociologia’”, não ministrou nenhum curso que portasse este nome. Esse entrecruzamento entre sociologia e pedagogia está ligado às articulações das novas relações entre saber e poder implantadas na França, como um “investimento político na produção do saber” (Vargas, 2000, p.125,126).

Os regimes discursivos e a especialização do saber são resultados do “progresso científico” como, citando Weber: “fração, a mais importante do processo de intelectualização que sofremos há milhares de anos” (Vargas apud Weber, 2000) de uma “crescente intelectualização e racionalização da vida” que desencantou o mundo, mas que também podem ser interpretadas como “práticas de purificação” que criam novas modalidades de “encantamento” que se encantam e se evidenciam sob a “crença, arrogante e ‘moderna’, segunda a qual os ocidentais seriam, em razão de seu conhecimento científico, absolutamente diferentes e superiores a todos os demais povos” (Vargas,2000, p.74,75).

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “A pele que habito”, embora seja uma ficção, nos traz questões reais. Primeiramente podemos questionar as atitudes de um profissional da saúde: gostaria que o pensamento óbvio de que este médico empenha-se estudiosamente para curar os doentes fosse coerente, tanto no filme, como na realidade. Mas o que essa obra (o filme) nos traz é que, esse conhecimento é usado por um motivo pessoal, o sentimento de vingança, como meio de controlar aquilo que o cerca. O médico se apropria de um corpo aparentemente saudável (Vicente) e acaba por aniquilar o garoto e fazer nascer, por desejo pessoal do médico, a mulher ideal (Vera). Um investimento intelectual, que é formar-se em medicina, cursar especializações e especializações, aprimorando-se cada vez mais, mas não com a finalidade de curar doenças, mas sim de controlar, e porque não dizer, matar. Já que o médico matou Vicente para criar Vera, que por vezes, como meio de resistência tentou suicídio. A medicina, como diz Foucault, não foi gestada para curar doenças, mas males sociais, portanto ela não trabalha com o físico, nem com a clínica, mas com a moral social, operando seu controle, com a autoridade de impor como verdade aquilo que ela define como normal e patológico.

Sendo a medicina uma ciência especializada, pensaríamos então mais longe, questionando como um todo a ciência e o progresso científico. Se antes o que dominava o certo e o errado eram as mensagens de Deus interpretadas por religiosos “experts”. Hoje é a ciência que opera uma cientificidade acolhida como discurso final da verdade que raramente se questiona, e que está travestida de uma moral social dualista, e porque não dizer teológica. Este é o cerne da resposta, de como o “progresso” funciona a sua própria revelia, operando não no seu sentido semântico, mas como um eufemismo que serve em nome da sociedade para seu próprio controle social. Assim as ramificações científicas como um todo são passíveis de serem questionadas, principalmente as ciências humanas.

Neste sentido, podemos ver Roberto em uma perspectiva micro, como um médico normalizador que opera seus micro-saberes-poderes, mas se olharmos de uma maneira macro, podemos compará-lo com o aparelho de Estado que gesta, em El Cigarral todos seus dispositivos de poder. Já Vera, em olhar micro é resultado do Vicente, um garoto enjaulado, operado e manipulado como Roberto desejou, mas em olhar macro, Vera ou Vicente, somos cada um de nós na sociedade disciplinar, que aparentemente somos condicionados para aceitação das normas sociais. O termo “aparentemente” é colocado de propósito, pois se o poder está em tudo como diz Foucault (1979), ele também pode operar as práticas de resistência, como fez Vicente ao fingir aceitar ser Vera, consegue elaborar um plano para sua fuga.

A crítica que se faz aqui é ao progresso científico que tem como finalidade última o controle social, não generalizando, pois o avanço da ciência, em parte, trouxe benefícios significativos, principalmente na área da saúde. O problema não é, portanto o avanço da ciência, e sim para qual fim ela é usada. Nesta análise o progresso científico, da forma com que muitas vezes é usado, trabalha a norma da pele que nos habita, operando-nos e administrando-nos em cada gesto, em cada movimento, criando dispositivos de poder e vigilância, suscitam práticas de dominação, mas também de resistência. Vicente infelizmente tocou na Norma, mesmo não a estuprando, acabou por ser desencantado. Na sociedade da norma, sendo Vera, um nome que significa verdade, aqui desencanta para seu reverso. A norma da produtividade científica legitimada é ser essa Vera reversa e operar camufladamente seus interesses de classe, como disse Vargas. No entanto, se não houvesse a arte, que nos emerge imaginação e questionamentos eu concordaria que o mundo está desencantado.

#### 4 – BIBLIOGRAFIA

- BEAUVOIR, Simone de. (1940). *Le deuxième sexe*. (2 vols.) Paris: Gallimard.
- BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FOUCAULT, Michel.  
(1977-78). *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes.  
(2010). Crise da medicina ou crise da antimedicina. In: *Verve*, 18, 167-197.  
\_\_\_\_\_. (2011). *Ditos & Escritos: VII Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária.  
\_\_\_\_\_. (2005). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.  
\_\_\_\_\_. (1979). *Microfísica do Poder*. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado – Rio de Janeiro. Edições Graal.  
\_\_\_\_\_. (2004) *Vigiar e punir. Nascimento da Prisão*. Ed. Vozes – Petrópolis.
- GIDDENS, A. (2005). *Sociologia*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed.
- HERITAGE, John C. (1999). Etnometodologia. En GIDDENS, Anthony & TURNER, Jonathan (org.). *Teoria Social Hoje* (pp. 321-392).
- PIERUCCI, Antônio Flávio. (2003) *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Ed. 34.
- VARGAS, Eduardo Viana. (2000). *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa Livraria.
- WATIER, Patrick. (2009). *Uma introdução à sociologia compreensiva*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.